

## Sociologia da Infância no Brasil: quais crianças e infâncias têm sido retratadas?

Fabiana Luci de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é realizar uma meta-análise do campo de estudos da Sociologia da Infância no Brasil, orientada a responder a quatro questões: quais temáticas têm sido abordadas nesses estudos; quais metodologias e técnicas têm sido empregadas; quais crianças têm sido retratadas e se as pesquisas têm privilegiado a escola ou outros espaços da vida social das crianças. Procedeu-se a um levantamento de artigos publicados em duas plataformas de periódicos (Capes e Scielo), localizando 90 publicações indexadas pelos termos “Sociologia da Infância” e “Pesquisa com crianças”. A análise de conteúdo desses artigos permitiu esboçar um quadro aproximado do que tem sido a Sociologia da Infância no Brasil, identificando quais crianças e infâncias têm sido retratadas e como esses estudos têm mobilizado o repertório teórico-metodológico da Sociologia da Infância.

**Palavras-chave:** Sociologia da infância; pesquisa com crianças; metodologia; meta-análise.

### SOCIOLOGY OF CHILDHOOD IN BRAZIL: WHICH CHILDREN AND CHILDHOODS HAVE BEEN PORTRAYED?

**Abstract:** *The aim of this article is to undertake a meta-analysis of the field of studies of Sociology of Childhood in Brazil, oriented to answer four questions: what*

1 Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos – Brasil – [fabianaluci@ufscar.br](mailto:fabianaluci@ufscar.br)

*themes have been addressed in these studies; which methodologies and research techniques have been employed; which children have been portrayed and whether research has privileged the school or other spaces of children's social life. A review of the articles published in two journals platforms (Capes and Scielo) was carried out, finding 90 articles indexed by the terms "Sociology of Childhood" and "Research with children". The content analysis of these articles allowed to sketch an approximate picture of what has been the Sociology of Childhood in Brazil, identifying which children and childhoods have been portrayed and how these studies have mobilized the theoretical-methodological repertoire of Sociology of Childhood.*

**Key words:** *Sociology of childhood; research with children; methodology; meta-analysis.*

## Introdução

A produção de saberes sobre a criança e a infância foi hegemonicamente conduzida pelos campos da saúde e da educação, com abordagens biológicas e psicológicas prevalecendo até, pelo menos, a década de 1980. Nessa perspectiva, a infância era entendida como uma fase natural do curso da vida, um estágio de desenvolvimento, sendo a idade elemento definidor central. A criança era, assim, vista como um “vir a ser” adulto.

Isso não implica que a criança e a infância estivessem ausentes do campo das Ciências Sociais, mas sim que sua presença foi pontual e mediata, projetando preocupações com processos sociais mais amplos, como a socialização e o desvio. Mesmo na Sociologia, que conta com a expressão “Sociologia da Infância” desde as primeiras décadas do século XX (Sarmiento, 2008), as crianças foram pouco ouvidas ou observadas nas pesquisas, predominando métodos indiretos de abordagem, como entrevistas com professores, pais ou responsáveis, como *proxies* para obter informações sobre elas, uma vez que a concepção prevalente era a da criança como ser incompleto e incompetente.

O questionamento dessa concepção sobre a criança e a infância deu origem a um novo campo de estudos, a chamada Nova Sociologia da Infância, que reivindicou uma mudança de paradigma e a amplificação do lugar da criança e da infância nas pesquisas sociológicas, reconhecendo as crianças como atores sociais ativos, não sendo meros produtos dos processos de socialização, e a infância como construção social, política e cultural, e não como fenômeno biológico (Qvortrup, 1994; James; Jenks; Prout, 1998; Corsaro, 2011).

Tomar a criança como ator social implica reconhecer sua competência e autonomia, posicionando-a enquanto sujeito do processo de pesquisa, e não mais como objeto. Disso resulta o princípio metodológico central do novo paradigma da infância, que é dar voz e reconhecer a agência das crianças, postulando a pesquisa *com* crianças, e não mais a pesquisa *sobre* crianças (Montadon, 2001; Sirota, 2001).

Essa mudança de paradigma impôs disputas em torno da melhor forma de capturar o olhar das crianças e acessar seus pontos de vista e suas visões de mundo, com a etnografia sendo advogada como a metodologia por excelência para a Sociologia da Infância, caracterizando-a como “a nova ortodoxia na pesquisa sobre a infância”, conforme James (2007: 248).

A mudança de paradigma da Nova Sociologia da Infância fez parte de uma tendência geral da Sociologia de voltar-se à agência e à análise da vida privada (Sirota, 2001: 10), refletindo, portanto, as clivagens teórico-metodológicas centrais da disciplina, nas disputas entre estrutura *versus* agência, objetivismo *versus* subjetivismo, macro *versus* micro, e quantitativo *versus* qualitativo.

Se a nova Sociologia da Infância irrompe na Europa e nos Estados Unidos a partir da década de 1980, no Brasil ela começa a se configurar no final da década de 1990, “na confluência entre os pedagogos e os sociólogos prioritariamente” (Abramowicz; Oliveira, 2010: 41).

O objetivo deste artigo é fazer um mapeamento do campo da Sociologia da Infância no Brasil, a partir de um levantamento sistemático das pesquisas realizadas nesse paradigma, buscando identificar as temáticas abordadas, o perfil das crianças e como e onde elas têm sido pesquisadas. A proposta não é realizar um levantamento exaustivo, mas, sim, cobrir os principais aspectos que têm sido explorados no estudo das crianças e de suas infâncias.

O mapeamento proposto dialoga com o trabalho de McNamee e Seymour (2012), que realizaram uma meta-análise de pesquisas empíricas publicadas na área de estudos sociais da infância em língua inglesa. Os autores buscaram responder a duas perguntas centrais: (i) Quem são as crianças retratadas no novo paradigma social da infância? e (ii) Quais metodologias têm sido utilizadas nessas pesquisas para acessar o ponto de vista das crianças?

In the roughly 20 years since the beginning of the ‘new’ paradigm of the social study of childhood and the call for research with, rather than on, children, how had this call taken shape? Who are the children represented in the ‘new’ para- digm? In addition, we are also responding here to James et al.’s (1998: 191) call to ‘pay heed to methodology [and] pause to ask ourselves

whether our standard research techniques ... are indeed the most appropriate'. (McNamee; Seymour, 2012: 157)<sup>2</sup>

McNamee e Seymour (2012) analisaram um total de 320 artigos baseados em resultados de pesquisas, publicados nas revistas *Childhood*, *Children's Geographies* e *Children and Society*, entre os anos de 1993 e 2010. Sua conclusão foi a de que embora o grupo social de crianças tenha uma grande diversidade de vozes, nem todas estavam sendo ouvidas nas pesquisas sobre a infância, uma vez que havia um excesso de foco na faixa etária de crianças entre 10 e 12 anos de idade. No que se refere à perspectiva metodológica, observaram que predominaram abordagens qualitativas, sendo a entrevista qualitativa a técnica de pesquisa mais comumente utilizada.

Outro aspecto destacado pelos autores é o espaço restrito dedicado à discussão da metodologia utilizada, observando que pouca atenção é dada à justificativa da escolha dos métodos – mesmo quando se recorre aos relatórios de pesquisa que originaram os artigos, quando disponíveis. E mais ainda, 12% dos artigos nem sequer mencionavam a faixa etária das crianças sendo pesquisadas, e 75% não explicitavam porque escolheram estudar as idades das crianças presentes em suas amostras (McNamee; Seymour, 2012: 163).

Este artigo busca analisar, a partir do campo de estudos da Sociologia da Infância no Brasil, as mesmas perguntas propostas por McNamee e Seymour (2012), acrescentando dois aspectos, endereçando, assim, quatro questões: (i) Quais temáticas têm sido abordadas nesses estudos? (ii) As pesquisas têm sido predominantemente *com* crianças em vez de *sobre* crianças? Ou seja, quais metodologias e técnicas têm sido empregadas? (iii) Quem são as crianças retratadas na Sociologia da Infância no Brasil? Isto é, qual o perfil etário e social das crianças nessas pesquisas? e (iv) Quais espaços essas crianças têm ocupado? Essas pesquisas têm privilegiado a escola ou outros espaços da vida social das crianças?

As respostas a esses questionamentos permitem desenhar um quadro aproximado do que tem sido a Sociologia da Infância no Brasil, identificando quais crianças e infâncias têm sido retratadas e como esses estudos têm mobilizado o repertório teórico-metodológico da Sociologia da Infância.

---

2 Em tradução livre para o português: Nos cerca de 20 anos desde o início do “novo” paradigma do estudo social da infância e do apelo à pesquisa com crianças em vez de sobre crianças, como esse chamado tomou forma? Quem são as crianças representadas no “novo” paradigma? Além disso, também estamos respondendo aqui ao chamado de James et al. (1998: 191), para “prestar atenção à metodologia [e] pausar para nos perguntar se nossas técnicas de pesquisa padrão... são de fato as mais apropriadas”.

## Metodologia

Para mapear os estudos no paradigma da Sociologia da Infância no Brasil, duas plataformas de periódicos serviram como fonte de dados: o portal da Capes, considerando apenas os periódicos revisados por pares, e o portal Scielo. Buscou-se construir uma amostra das publicações na Sociologia da Infância que circulam no Brasil, que abarcou tanto estudos realizados por pesquisadores brasileiros, quanto estudos de pesquisadores estrangeiros publicados em língua portuguesa e acessíveis em uma dessas duas plataformas.

Para isso, foram utilizados dois termos de busca: “sociologia da infância” e “pesquisa com crianças”. No portal de periódicos da Capes,<sup>3</sup> a busca pelo termo “sociologia da infância” retornou 61 artigos. O termo “pesquisa com crianças” retornou 50 artigos, sendo 14 deles descartados por se sobreporem à busca por “sociologia da infância”, e outros 21 por tratarem exclusivamente de aspectos clínicos, como autismo, toxoplasmose, fibrose cística, desenvolvimento motor e perda auditiva. Assim, a pesquisa no portal da Capes resultou em 76 publicações.

No portal de periódicos Scielo,<sup>4</sup> a busca pelo assunto “sociologia da infância” retornou 22 artigos indexados, e o termo “pesquisa com crianças”, 7 artigos indexados. Descartando as sobreposições à busca no portal da Capes, foram incorporados à amostra 20 artigos, totalizando 96 artigos.

Apesar do critério de busca restringir-se a termos em português, entre os 96 artigos localizados, 12 foram publicados em revistas estrangeiras. Desses, 6 permaneceram na amostra final, uma vez que pelo menos um de seus autores era brasileiro ou a publicação estava em língua portuguesa. Assim, a amostra final é composta por 90 artigos, conforme disposto na Tabela 1.

**Tabela 1** – Artigos indexados de acordo com termo de busca

<b>Termos de busca</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sociologia da infância	62	69
Pesquisa com crianças	23	25
Sociologia da infância e pesquisa com crianças	5	6
<b>Total</b>	<b>90</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora

3 O levantamento foi realizado no link: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>, utilizando a busca por assunto em: 20 nov. 2017.

4 O levantamento foi realizado no link: <<http://www.scielo.br>>, utilizando o índice de assuntos em 15 dez. 2017.

Ainda que o recorte amostral aqui utilizado possa provocar a exclusão de trabalhos relevantes na área, isso não retira da análise a qualidade de identificar tendências no campo da Sociologia da Infância no Brasil.

Esses 90 artigos foram publicados em 39 periódicos diferentes (ver Quadro 1 anexo), sendo que pouco mais da metade deles foi publicada em revistas da área de Educação e quase um terço em revistas de Ciências Sociais, sobretudo Sociologia (ver Tabela 2).

Essa informação pode ser lida como um indício de que a pesquisa em Sociologia da Infância no Brasil vem sendo conduzida principalmente por pesquisadores da área da Educação, ou ainda, que a principal audiência desses estudos está na Educação mais do que na Sociologia.

**Tabela 2** – Artigos publicados de acordo com área do periódico

Área	N	%
Educação	50	56
Ciências Sociais	25	28
Psicologia e Saúde	15	17
<b>Total</b>	<b>90</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora

Outra informação contextual é o ano de publicação. As buscas não impuseram recorte temporal, sendo que os dois primeiros artigos encontrados foram publicados em 2001, como tema em destaque na revista *Cadernos de Pesquisa*, da Fundação Carlos Chagas – tradução dos textos seminais de autoria de Régine Sirota e Cléopâtre Montandon, originalmente publicados na revista *Éducation et Sociétés*, tratando da emergência da nova Sociologia da Infância em países de língua inglesa e francesa.

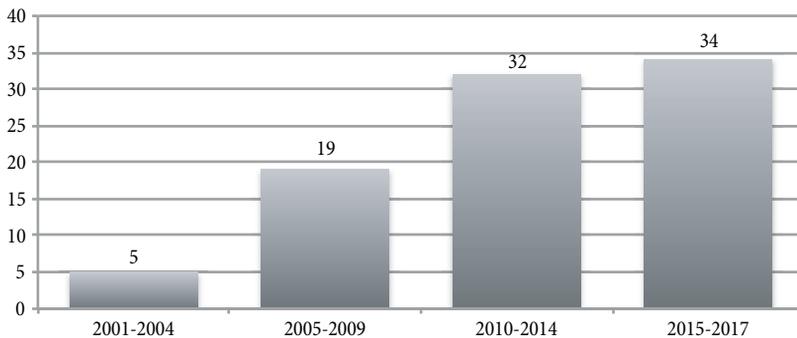
Em 2005, foi publicado o dossiê “Sociologia da Infância: pesquisa com crianças”, na revista *Educação e Sociedade*, contendo dez artigos, todos de pesquisadores norte-americanos e europeus. Coordenadoras do dossiê, Delgado e Müller (2005) apresentam os artigos reunidos e consideram que o contexto histórico brasileiro apresenta peculiaridades sociais e culturais que precisam ser consideradas nas investigações sobre crianças no país, sendo o objetivo da publicação desses artigos baseados em outras realidades apenas o de

...ampliar as reflexões concernentes às pesquisas com foco nas crianças e suas culturas, em vez de estabelecer comparações. No Brasil temos um

longo caminho a percorrer, no que se refere às pesquisas sobre e com as crianças, suas experiências e culturas. Provavelmente as crianças sabem bem mais sobre os adultos e as instituições, embora ainda compreendamos pouco sobre suas idéias acerca das pedagogias, ou sobre o que elas pensam dos adultos e das escolas que criamos pensando nelas e nas suas necessidades. Esperamos que esta publicação desencadeie novas pesquisas e olhares sobre as experiências e o ponto de vista das crianças no mundo contemporâneo. (Delgado; Müller, 2005: 357)

Se no período anterior à publicação do dossiê eram poucas as publicações na área, a partir de 2010 começa a haver um incremento, como se depreende da leitura dos dados dispostos no gráfico 1. A maior quantidade de artigos publicados foi encontrada mais recentemente, a partir de 2015, o que permite afirmar que o campo da Sociologia da Infância é uma área ainda nova e emergente no país.

**Gráfico 1** – Quantidade de artigos, de acordo com período de publicação



Fonte: a autora

### Sobre o que se fala quando o universo de pesquisa envolve crianças e infâncias?

A classificação dos artigos em temáticas foi feita a partir da leitura dos resumos e do desenvolvimento de categorias de enquadramento baseadas nos objetivos expostos, buscando identificar padrões e relações nesses objetivos, no sentido de construir temáticas mais abrangentes.

A temática de maior incidência nessas publicações foi “metodologia de pesquisa com crianças”, que reúne os artigos que tratam da base metodológica e da prática da pesquisa, discutindo as formas e as ferramentas mais adequadas para capturar e compreender o ponto de vista das crianças. Foram classificados aqui dezessete artigos.

Quase metade desses artigos tem como aspecto central da discussão as considerações éticas atinentes ao envolvimento de crianças em pesquisas, seus direitos de participação, a questão da autoria e da autorização. Os demais trazem a discussão da necessidade do desenvolvimento ou da aplicação de métodos diferentes ou “amigáveis” para se comunicar com a criança, valorizando as metodologias participativas como estratégicas para dar voz às crianças, oferecendo a oportunidade delas falarem por si mesmas. Dentre as metodologias discutidas nos artigos, a mais frequente é a etnografia.

Em segundo lugar, estão as categorias “emergência da Sociologia da Infância” e “infância, gênero e corpo”, contabilizando quinze artigos cada. A primeira engloba os artigos que tratam do surgimento do campo, nos quais são delineadas suas bases teóricas e seus principais temas, incluindo textos de alguns de seus precursores, como Corsaro (2005) e Prout (2010), dentre outros traduzidos para o português, e balanços sobre o estado da arte no campo, como os já citados textos de Montandon (2001) e Sirota (2001). A categoria abarca, ainda, resenhas de livros, como *Sociologia da infância*, de autoria de William A. Corsaro (2011) e *A History of the Sociology of Childhood*, de Berry Mayall (2013).

**Tabela 3** – Artigos publicados de acordo com a temática

<b>Temáticas</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Metodologia de pesquisa com crianças	17	19
Emergência da Sociologia da Infância	15	17
Infância, gênero e corpo	15	17
Visões de mundo e experiências das crianças	11	12
Culturas infantis, jogos e brincadeiras	9	10
Concepções de infância, alteridade e diferença	7	8
Infância e políticas públicas	6	7
Educação infantil e deficiência	4	4
Consumo e meios de comunicação	3	3
Infância, espacialidade e cidade	3	3
<b>Total</b>	<b>90</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora

Ao considerar as temáticas “metodologia de pesquisa com crianças” e “emergência da Sociologia da Infância” em conjunto, nota-se que 40% dos artigos da amostra tratam da afirmação das bases teórico-metodológicas do campo da Nova Sociologia da Infância, o que pode ser lido como um indício de que esse

campo ainda está em processo de consolidação no Brasil. Esse indício fica mais forte quando se observa que a distribuição temporal dos artigos entre 2001 e 2017 não apresenta tendência de queda, sendo que, dos 32 artigos classificados nessas duas temáticas, quatro foram publicados no período de 2001-2004, doze entre 2005-2009, sete entre 2010-2014 e nove entre 2015-2017.

A categoria “infância, gênero e corpo”, também presente em quinze artigos, reúne as publicações que trazem a interseccionalidade entre feminismo e infância, gênero e geração, e as que abordam as formas de controle dos corpos infantis e as práticas educacionais que constroem e reproduzem as diferenças de gênero, enfocando as maneiras como as relações de gênero se manifestam na escola e na interação entre crianças e entre crianças e professores.

A terceira categoria mais incidente, “visões de mundo e experiências das crianças”, é a mais abrangente e reúne pesquisas que buscam responder “o que pensam as crianças sobre...”. Ou seja, pesquisas que se voltam para a descrição dos pontos de vista das crianças e compreensão de suas perspectivas sobre diferentes fenômenos sociais que lhes dizem respeito, como a escola, a família, o adoecimento, a política, a cidade.

Apesar de tratarem de assuntos diversos, essas pesquisas foram classificadas em uma mesma temática por centrarem seu interesse na descrição daquilo que a criança vê quando olha o mundo, e de como ela constrói e dá sentido às suas vivências e seus desejos (Abramowicz, 2011). O foco nesses artigos é a construção das representações das crianças sobre esses fenômenos variados.

Quarta temática mais frequente, “culturas infantis, jogos e brincadeiras” reúne nove artigos que abordam as ações compartilhadas entre as crianças, no sentido da cultura de pares proposta por Corsaro (2011), do brincar como um mecanismo de sociabilidade, do repertório lúdico infantil e, ainda, da presença de tecnologias no ambiente escolar, tratando da brincadeira como aprendizado.

Em quinto lugar, com sete artigos, está a categoria “concepções de infância, alteridade e diferença”, que agrupa os textos que debatem a pluralidade das infâncias, nas perspectivas da diferença e da diversidade.

Na sequência, a temática “infância e políticas públicas” abarca seis artigos que tratam de diferentes aspectos das políticas de Educação Infantil, passando por questões como a quantidade e evolução de vagas e matrículas no Ensino Infantil; o uso de apostilas e a formação continuada de professores nessa etapa; a transição do Ensino Infantil para o Fundamental; o letramento e a escuta das crianças na formulação de políticas públicas.

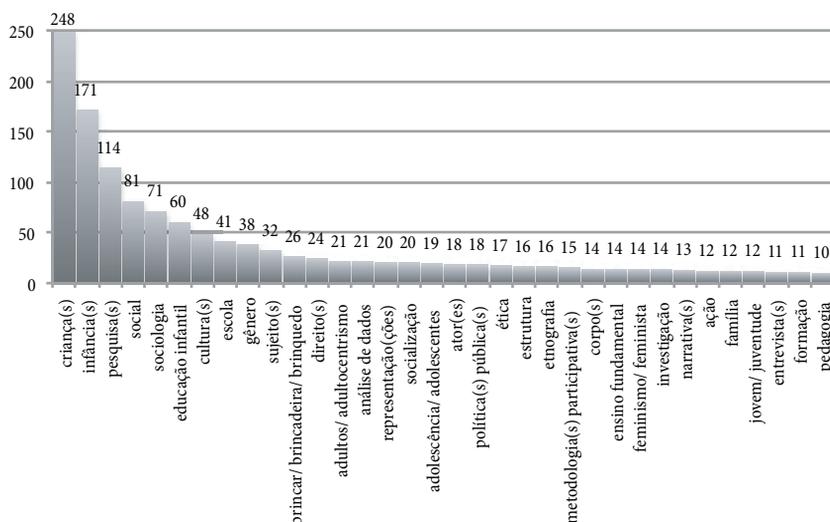
A temática “educação infantil e deficiência” está presente em quatro artigos que versam sobre a representação da criança portadora de deficiência, seu acesso e permanência na escola.

Por fim, as categorias “consumo e meios de comunicação” e “infância, espacialidade e cidade” incluem três artigos cada uma. A primeira categoria agrupa os artigos que tratam das mídias e dos meios de comunicação voltados às crianças e da criança enquanto consumidora. A segunda reúne artigos que abordam as relações das crianças com a cidade e os espaços das cidades no contexto das infâncias.

A análise de conteúdo dos resumos desses artigos apresenta os termos mais utilizados (Gráfico 2). Pela escolha das expressões de pesquisa (“sociologia da infância” e “pesquisa com crianças”), era esperado que os termos mais frequentes fossem criança(s), infância(s), pesquisa(s) e sociologia. Os três primeiros termos aparecem mais de uma vez em cada um dos 90 resumos, inclusive.

Entre os termos que não compunham as expressões de busca, destaca-se “educação infantil”, com 60 ocorrências, e “cultura(s)”, com 48 ocorrências nesses resumos, numa vertente forte da Sociologia da Infância de privilegiar o estudo das culturas infantis ou cultura de pares. “Escola” aparece 41 vezes, indicando um local privilegiado do estudo da cultura de pares, e também o espaço mais frequente de condução de pesquisas na Sociologia da Infância no país (como se verá adiante).

**Gráfico 2** – Frequência de termos nos resumos



Base: resumos dos 90 artigos

Fonte: a autora

Os termos “gênero” e “feminista/ feminismo” são também recorrentes, com 38 e 14 menções, respectivamente. Há uma significativa interlocução entre os estudos feministas e a Sociologia da Infância. Conforme lê-se em Leonard (2016), da mesma forma que os estudos feministas deram ênfase às hierarquias de poder que afetam os aspectos relacionais da vida social entre homens e mulheres, os estudos da infância enfatizam os aspectos relacionais da vida cotidiana entre adultos e crianças, articulando as formas em que o poder afeta também essas relações.

As palavras “brincar/ brincadeira/ brinquedo” têm 26 menções. O termo “direito(s)”, sempre acompanhado de “criança(s)”, aparece 21 vezes, mesma incidência das palavras “adulto ou adultocentrismo”, que aparecem seja para afirmar a necessidade de deixar as crianças falarem por si próprias, seja para questionar a visão adultocêntrica de criança e infância que tem predominado na Sociologia. Nessa mesma chave de mudança paradigmática está o termo “geração”, que tem baixa incidência, com apenas cinco ocorrências em ensaios teóricos que propõem repensar os conceitos de criança e infância como categorias geracionais. Frise-se que os conceitos com incidência inferior a 10 não foram incluídos no gráfico.

“Socialização” ocorre 20 vezes, seja na contraposição à visão clássica da sociologia, de inculcação dos valores sociais às crianças, seja no sentido reivindicado pelo novo paradigma da infância, de ter a criança como participante ativo do processo de socialização. O termo “representações” também aparece 20 vezes, em geral indicando o objetivo dos estudos empíricos de descrever as representações das crianças sobre determinados fenômenos. As palavras “adolescentes ou adolescência” têm 19 menções, associadas às pesquisas que abordam o “ensino fundamental” – termo que ocorre 14 vezes nos resumos. “Jovem ou juventude” também aparecem associados a essas expressões, com 12 ocorrências.

O uso dos termos “ator(es)” e “ação”, que somam 30 ocorrências, e o de “sujeito(s)”, com 32 ocorrências, frente ao uso de “estrutura”, com 16 ocorrências, é um indicativo do predomínio da perspectiva da ação na Sociologia da Infância, como já observado por Sirota (2001).

Entre os termos que remetem seja à metodologia, seja aos métodos, “análise de dados” é o mais frequente, com 21 menções, seguido por “ética”, com 17 ocorrências, “etnografia”, com 16, e “metodologias participativas”, aparecendo 15 vezes. As palavras “investigação”, “narrativa(s)” e “entrevista(s)” também se destacam, com 14, 13 e 11 menções, respectivamente.

Merece atenção a incidência maior do termo “crianças” (na maioria das vezes no plural) em relação à “infância” (na maioria das vezes no singular). Em

Shanahan (2007), assevera que existe uma diferença importante entre estudar criança e infância. O estudo das crianças, em geral, implica um interesse na agência, em atores sociais, privilegiando perspectivas teóricas interpretativistas e abordagens micro, fazendo mais uso de métodos qualitativos e metodologias participativas. Enquanto o estudo da infância volta-se para um espaço social, um conjunto diversificado de ideias culturais, predominando as abordagens macro e multimétodos. A metodologia utilizada na Sociologia da Infância no Brasil é o aspecto que será discutido na sequência.

### Pesquisas *com* crianças ou *sobre* crianças?

Para a identificação das metodologias e técnicas empregadas nesses artigos, procedeu-se à leitura integral dos textos. Buscou-se verificar se a Sociologia da Infância que circula no Brasil tem respondido ao chamado dos precursores de acessar o ponto de vista das crianças, fazendo pesquisa *com* crianças, tratando-as, portanto, como sujeitos; e não *sobre* crianças, tratando-as como objeto.

Além disso, segundo Punch (2002), não há consenso na literatura sobre a forma mais adequada de acessar o ponto de vista das crianças, e essa falta de consenso se deve justamente às diferentes concepções ontológicas de criança, uma vez que a forma de vê-las impacta diretamente na forma de ouvi-las e pesquisar sobre elas e suas infâncias.

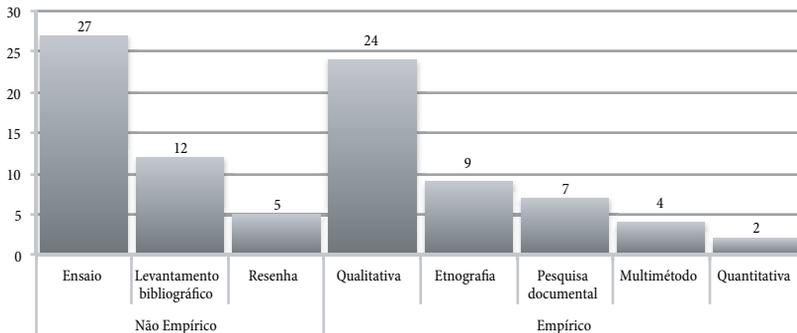
Os que concebem as crianças como muito diferentes dos adultos elegem a etnografia como a forma mais apropriada de se aproximar desse outro e de acessar seus pontos de vista. Os que as concebem como iguais, afirmam que para acessar sua visão de mundo deve-se utilizar os mesmos métodos usados na pesquisa com adultos, sem mudanças ou adaptações. E aqueles que consideram as crianças como semelhantes aos adultos, mas com níveis diferentes de competências (como um menor período de atenção ou um vocabulário mais limitado, por exemplo), advogam a adaptação dos métodos tradicionais da Sociologia às habilidades das crianças.

Para verificar como esse debate aparece na Sociologia da Infância que circula no Brasil, o primeiro passo foi identificar o delineamento metodológico adotado nos artigos. Dentre os 90 artigos da amostra, pouco mais da metade (46) apresenta delineamento empírico, trazendo análises baseadas em achados de pesquisa.

As abordagens qualitativas são as mais frequentes, presentes em 24 artigos, ou 33 contabilizando os desenhos autodenominados etnográficos (72% do total de estudos empíricos). A pesquisa documental é a terceira estratégia

mais adotada, aparecendo em 7 artigos. Embora o delineamento documental possa ser quantitativo ou qualitativo, em todos os artigos analisados na amostra a estratégia adotada foi qualitativa, o que permite afirmar que a Sociologia da Infância no Brasil tem sido majoritariamente baseada em metodologias qualitativas.

**Gráfico 3** – Frequência de artigos de acordo com abordagem metodológica utilizada



Fonte: a autora

O desenho multimétodo está presente em 4 artigos e a pesquisa quantitativa, com base em dados secundários, apareceu apenas duas vezes (Gráfico 3).

Já entre os artigos não empíricos, a forma ensaio é a mais adotada – 27 dos 44 artigos são ensaios. Outros 12 artigos são baseados em levantamentos bibliográficos não sistemáticos e 5 são resenhas de livros.

Considerando apenas os artigos empíricos, a técnica mais utilizada é a entrevista qualitativa – usada em 26 dos 46 artigos. Esse resultado espelha o encontrado por McNamee e Seymour (2012). A observação é a segunda técnica mais recorrente, tendo sido empregada em 16 artigos, e o desenho fica em terceiro lugar, utilizado em 13 artigos (Tabela 4).

A análise documental foi utilizada em 8 artigos, sendo que, em geral, houve pouco detalhamento acerca do tipo de ferramenta analítica adotada, seja análise de conteúdo, fenomenológica, análise do discurso ou semiótica.

Grupo focal, produção textual e questionários foram utilizados em 8, 5 e 4 artigos, respectivamente. Outros 3 artigos se valeram de jogos. Metodologias participativas, gravação em vídeo e dados estatísticos secundários foram as estratégias menos utilizadas, aparecendo em apenas 2 artigos cada uma.

**Tabela 4** – Artigos de acordo com a forma de geração dos dados

<b>Técnicas</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Entrevista	26	57
Observação	16	35
Desenho	13	28
Análise documental	8	17
Grupo focal	8	17
Produção textual	5	11
Questionário	4	9
Jogos	3	7
Metodologias participativas	2	4
Gravação (vídeo)	2	4
Dados secundários	2	4
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>*</b>

\* soma excede 100% pois um mesmo artigo pode utilizar mais de uma técnica

Fonte: a autora

É preciso inteirar aqui a mesma ressalva analítica que McNamee e Seymour (2012) fizeram em sua meta-análise dos estudos sobre a infância publicados em língua inglesa: os artigos baseados em pesquisas empíricas fornecem poucos detalhes sobre o delineamento e as escolhas metodológicas ao relatarem os procedimentos de pesquisa. Raros foram os que apresentaram descrições mais completas das técnicas de pesquisa empregadas e as justificativas para suas escolhas.

Esses dados revelam que a grande maioria dos estudos fez uso de técnicas e instrumentos de coleta ou análise de dados tradicionais na Sociologia, incluindo aqueles que foram considerados por alguns pesquisadores da infância como inadequados para o uso com crianças – como entrevistas, produção textual e questionários.

Apenas 7 dos 46 artigos valeram-se de técnicas desenvolvidas ou adaptadas para serem aplicadas na pesquisa com crianças, como a gravação em vídeo, o uso de jogos e outras metodologias participativas. E poucos utilizaram a etnografia (apenas 9 estudos), contrariando a percepção de James (2007: 248) de que essa metodologia tenha se tornado a nova ortodoxia na pesquisa sobre a infância, uma vez que o delineamento qualitativo mais comum foi o estudo de caso.

Isso indica que a visão predominante por aqui tem sido a de que fazer pesquisa com crianças é o mesmo ou algo semelhante a fazer pesquisa com adultos, numa concordância com James, Jenks e Prout (1998: 191) de que para estudar as crianças não é preciso adotar técnicas novas ou exóticas.

Essa constatação alinha-se, também, à afirmação de Lange e Mierendorff (2009) de que a reivindicação da Nova Sociologia da Infância passa mais pela metodologia do que pelas técnicas de pesquisa, já que esse campo propõe uma nova agenda epistemológica de condução e interpretação dos dados, que busca privilegiar a criança como sujeito e reconhecer suas diferentes competências, postulando um processo de pesquisa negociado, baseado em uma abordagem emancipatória, não implicando a necessidade de métodos novos. Inclusive, segundo os autores, nenhum método completamente novo teria sido criado nessa perspectiva. As novidades estariam mais ligadas ao emprego da tecnologia a antigos métodos, como o uso de gravações em vídeo na observação.

Nesse sentido, a Sociologia da Infância no Brasil segue majoritariamente o princípio central do novo paradigma, ouvindo diretamente as crianças e observando-as nas pesquisas.

Por outro lado, a partir da leitura desses artigos e das escolhas metodológicas feitas, é possível afirmar que a infância tem sido vista principalmente como um fenômeno de pequena escala, com o predomínio do interesse nas interações e ações, em microrrelações. Conforme afirmaram Qvortrup, Corsaro e Honig (2009: 6), a impressão que se têm é que, pelo fato de serem pequenas, as crianças acabam sendo conceitualmente presas em um mundo micro ou de particularismos, sendo raramente estudadas como pessoas que fazem parte de um tecido social mais amplo.

Privilegiar a perspectiva da criança não significa que as pesquisas devam limitar-se a uma microorientação, enfocando fenômenos de pequena escala, e negligenciando os macroaspectos da infância, pois as crianças estão inseridas em um mundo global, devendo-se equilibrar a estrutura e a ação nas análises (Qvortrup, 2000: 78), o que não tem sido feito nos estudos publicados no Brasil.

Na análise de conteúdo fica explícito, ainda, o uso instrumental do referencial teórico-metodológico da Sociologia da Infância, com parte expressiva dos autores mobilizando-o apenas para afirmar brevemente a criança como ator social ativo, a infância como construção social, e a necessidade de acessar a visão das crianças em primeira-mão e interpretar os significados por meio das experiências das crianças e das redes nas quais estão incorporadas (Corsaro, 2011), sem maiores elaborações. Sobretudo os estudos publicados nas áreas de saúde e psicologia restringem-se a adicionar um parágrafo mencionando o referencial metodológico da Sociologia da Infância e justificar a escuta das crianças nas pesquisas, sem adentrar nas implicações teórico-conceituais dessa afirmação.

## Quais crianças têm sido retratadas?

Qual o perfil etário e social das crianças retratadas nas pesquisas? Constatou-se que a Sociologia da Infância no Brasil tem dado voz às crianças, com predomínio de abordagens qualitativas por meio de entrevistas ou observação. Mas quais crianças têm tido voz? Todas as crianças ou há algum recorte etário e social específico?

Em princípio, de acordo com a definição utilizada pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança,<sup>5</sup> todo ser humano com menos de dezoito anos é considerado criança. Assim, optou-se aqui por adotar a classificação a partir da faixa etária em anos completos, seguindo os intervalos da idade escolar (ver Tabela 5). Cada estudo empírico foi classificado na faixa etária correspondente, sendo que aqueles que trabalham com escopos etários mais amplos foram classificados em mais de uma categoria. Por exemplo, os que seguem à risca a definição das Nações Unidas foram contabilizados em todas as cinco categorias.

Apenas três estudos empíricos não especificaram a faixa etária estudada, sendo dois deles estudos documentais que não abordam crianças diretamente: um analisando a forma como a sexualidade aparece na literatura infantil; um o espaço que a Sociologia da Infância ocupa em programas de pós-graduação e outro um estudo qualitativo fundamentado em memórias de adultos sobre o brincar na infância.

Diferente de McNamee e Seymour (2012), que observaram que as idades de 10, 11 e 12 anos foram as mais comumente relatadas nas pesquisas em língua inglesa, aqui, as idades privilegiadas estão no grupo de crianças entre 6 a 10 anos, que correspondem à faixa etária do ensino fundamental I. O segundo grupo mais frequente foi o de 4 a 5 anos, correspondendo à idade pré-escolar. O terceiro mais abordado foi de 0 a 3 anos. Os grupos de menor atenção foram os de crianças entre 11 a 14 anos e 15 a 17 anos. Assim, no Brasil, a Sociologia da Infância tendeu a privilegiar o estudo das crianças mais novas.

Por outro lado, no mesmo sentido observado por McNamee e Seymour (2012), aqui também raros são os pesquisadores que mencionam os motivos de escolher estudar o grupo etário em que se concentraram. Em geral, apenas os que trabalharam com políticas públicas ou voltaram sua atenção especificamente à creche elaboraram tal justificativa. As justificativas reúnem motivações

---

5 Ver documento "A Convenção sobre os Direitos da Criança", adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990. Disponível em: <[https://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf)>. Acesso em: 08 jul. 2018.

sociológicas relacionadas à questão de pesquisa, considerações técnicas de acessibilidade e marcos de desenvolvimento.

**Tabela 5** – Artigos de acordo com faixa etária das crianças

<b>Faixa etária (em anos completos)</b>	<b>n</b>	<b>%</b>	<b>Idade escolar</b>
0 a 3 anos	16	35	<i>Creche</i>
4 a 5 anos	19	41	<i>Pré-escola</i>
6 a 10 anos	21	46	<i>Ensino Fundamental I</i>
11 a 14 anos	13	28	<i>Ensino Fundamental II</i>
15 a 17 anos	13	28	<i>Ensino Médio</i>
Sem informação	3	7	
<b>Total (empíricos)</b>	<b>46</b>	<b>*</b>	

\* soma excede 100% pois um mesmo artigo pode compreender mais de uma faixa etária

Fonte: a autora

No que se refere ao perfil social das crianças, predomina o olhar para as camadas populares, sobretudo nas escolas públicas, e para as periferias quando se trata de explorar os espaços públicos. A dimensão dos espaços é explorada na sequência.

### Em quais espaços as crianças têm sido retratadas?

Leonard (2016) afirmou que a Sociologia dominante até a década de 1980 marginalizou as crianças nos temas da família, da educação e do desvio, e que a criança raramente falava ou participava nessas pesquisas. Se a Nova Sociologia da Infância passou a ouvir e observar diretamente as crianças, os espaços de interesse não tiveram grande alteração, com a escola sendo o lugar majoritariamente pesquisado, palco de mais da metade dos estudos empíricos aqui analisados.

Um quarto das pesquisas (12 artigos) tem por base análises documentais ou de dados estatísticos de larga escala, não tratando diretamente de um espaço. Na sequência, instituições como hospitais e centros psicossociais foram os espaços mais privilegiados, estudados em 7 pesquisas. Os espaços públicos, como bairros e áreas públicas de lazer, foram escolhidos em 4 estudos. Já a família foi pouco observada, sendo que apenas três estudos se voltaram a analisar as crianças no ambiente familiar.

**Tabela 6** – Artigos de acordo espaço

<b>Espaço</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Escola	28	61
Documentos/Dados estatísticos	12	26
Instituições (ONG, centro psicossocial, hospital)	7	16
Espaços públicos	4	8
Casa	3	7
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>*</b>

*\* soma excede 100% pois um mesmo artigo pode compreender mais de um espaço*

Fonte: a autora

Das 28 pesquisas que foram realizadas em escolas, 22 (79%) escolheram analisar apenas escolas públicas; duas analisaram escolas públicas e privadas; duas, apenas escolas privadas, e duas foram realizadas em escolas de outros países. Assim como é escassa a informação sobre os porquês das escolhas das faixas etárias das crianças, poucos estudos justificaram o motivo da escolha do espaço onde foram conduzidos. Em grande parte das pesquisas a escolha do lugar parece mais associada aos aspectos técnicos de acessibilidade do que às questões sociológicas perseguidas.

**Tabela 7** – Artigos de acordo com tipo de escola

<b>Escola/creche</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Pública	22	79
Privada	2	7
Pública e privada	2	7
Escolas em outros países	2	7
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora

## Considerações finais

A proposta deste artigo foi mapear a Sociologia da Infância que se produz ou circula no Brasil, respondendo a quatro questões. A primeira delas, sobre o que se fala quando a pesquisa envolve crianças e infâncias, permitiu identificar que o assunto dominante é a metodologia de pesquisa e a constituição da nova

Sociologia da Infância e dos princípios fundamentais do novo paradigma da infância. Dois quintos dos artigos são ensaios ou levantamentos bibliográficos não sistemáticos que buscam sedimentar esse campo de estudos. Os outros três quintos estão distribuídos por oito temáticas, sendo as mais frequentes aquelas ligadas ao gênero, às visões de mundo e representações das crianças e às culturas infantis.

A segunda questão diz respeito à produção de conhecimento na área, voltada à identificação das metodologias utilizadas, indagando se os estudos têm considerado as crianças como sujeitos ou objetos da pesquisa. Ou seja, em que medida o chamado para realização de pesquisas *com* crianças e não *sobre* crianças tem sido atendido.

Os dados do levantamento indicam que a Sociologia da Infância que circula no país tem procurado privilegiar o ponto de vista da criança, predominando abordagens qualitativas, sendo entrevistas e observação as técnicas mais usadas, indicando, assim, que a percepção dominante é a de que fazer pesquisa com crianças é a mesma coisa ou algo semelhante a fazer pesquisa com adultos.

Ao mesmo tempo, essa Sociologia tem se dedicado majoritariamente aos fenômenos de pequena escala, às microrrelações e interações, com pouca atenção dada à “ordem macrogeracional mais ampla” (Leonard, 2016). A Sociologia da Infância no Brasil tem sido, predominantemente, uma microsociologia da infância. Essa constatação é reforçada quando se responde às duas outras questões que orientaram essa meta-análise: quem são as crianças retratadas e onde elas têm sido estudadas.

As pesquisas com crianças e sobre infâncias abarcam todo espectro etário, de 0 a 18 anos incompletos. Mas há uma concentração de atenção nas crianças mais novas, com um pico observado entre 6 a 10 anos, correspondendo à idade escolar do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Esse pico etário é reflexo da concentração de pesquisas conduzidas na escola: 79% dos artigos baseados em pesquisa empírica transcorreram no ambiente escolar. Fosse o objetivo discutir a cultura de pares, o brincar, as relações de gênero na infância, os valores políticos das crianças, ou suas representações sobre os mais variados fenômenos, a escola constituiu-se em espaço privilegiado. Sobretudo a escola pública, enfatizando o olhar, assim, às camadas populares, e tratando, direta ou indiretamente, da desigualdade social.

É inegável que nos dezesseis anos de publicações cobertos nessa meta-análise, a Sociologia da Infância conseguiu disseminar seu princípio fundamental de dar voz às crianças, principalmente no sentido de deixar as crianças falarem por si mesmas sobre o que vêem quando olham (para) o mundo, a cidade, a

escola e o que pensam e sentem com relação aos fenômenos que tocam suas vidas diárias.

A Sociologia da Infância vem conseguindo, em alguma medida, desconstruir a hegemonia da saúde e da psicologia do desenvolvimento, afirmando as crianças como atores sociais, portadoras de autonomia, intenções, desejos e capacidades, e com uma história para contar. Mas ainda há muito trabalho a ser feito para a consolidação desse campo, em especial na amplificação do alcance das vozes dessas crianças.

O recurso ao referencial teórico-metodológico da Sociologia da Infância tem sido bastante instrumental, limitando-se à dimensão do acesso à visão de mundo das crianças em primeira-mão. Mas o chamado para se fazer pesquisas *com* crianças e não *sobre* crianças não deve ser lido somente nessa chave, trata-se, principalmente, de mudar a concepção de “criança”, de deixar de percebê-la como um vir a ser, como capital humano, valorizada em termos de sua utilidade futura. Trata-se agora de dar um passo além na mobilização dessa discussão, produzindo maior visibilidade e incorporando essas vozes à ordem simbólica relacional mais ampla.

## Referências

- ABRAMOWICZ, A. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: GOULART, A. L.; FINCO, D. (Orgs.). *Sociologia da Infância no Brasil*. 1. ed. Campinas: Autores Associados, p. 17-35, 2011.
- ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. *Educação* (UFSM), v. 35, n.1, p. 39-52, 2010.
- CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação e Sociedade*, v. 26, n. 91, p. 443-464, 2005.
- . *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. Apresentação Dossiê Sociologia da infância: pesquisa com crianças. *Educação & Sociedade*. v. 26, n. 91, p. 351-360, 2005.
- JAMES, A. Ethnography in the study of children and childhood. In: ATKINSON, P. et al. (Orgs.). *Handbook of Ethnography*. London: SAGE, p. 246-258, 2007.
- JAMES, A.; JENKS, C.; PROUT, A. *Theorizing Childhood*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- LANGE, A.; MIERENDORFF, J. Method and Methodology in Childhood Research. In: QVORTRUP, J.; CORSARO, W.; HONIG, M-S. (Orgs.). *The Palgrave Handbook of Childhood Studies*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 78-96, 2009.

- LEONARD, M. *The Sociology of Children, Childhood and Generation*. London: SAGE Publications, 2016.
- MCNAMEE, S.; SEYMOUR, J. Towards a sociology of 10-12 year olds? Emerging methodological issues in the 'new' social studies of childhood. *Childhood*, v. 20, n. 2, p. 156-168, 2012.
- MONTANDON, C. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. *Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas*; v. 112, p. 33-60, 2001.
- PROUT, A. Reconsiderando a nova sociologia da infância. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 141, p. 729-750, 2010.
- PUNCH, S. Research with children: the same or different from research with adults? *Childhood*, v. 9, n. 3, p. 321-341, 2002.
- QVORTRUP, J. Childhood Matters: An Introduction. In: QVORTRUP, J; BARDY, M; SGRITTA, G; WINTERSBERGER, H. (Orgs.) *Childhood Matters: Social Theory, Practice and Politics*. Aldershot: Avebury, p. 1-23, 1994.
- \_\_\_\_\_. Macroanalysis of childhood. In: CHRISTENSEN, P; JAMES, A. (Orgs.). *Research with Children: Perspectives and Practices*. London: Falmer Press, p. 77-97, 2000.
- QVORTRUP, J; CORSARO, W; HONIG, M-S. *The Palgrave Handbook of Childhood Studies*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.
- SARMENTO, M. J. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. (Orgs.) *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, p. 17-39, 2008.
- SHANAHAN, S. Lost and Found: The Sociological Ambivalence Toward Childhood. *The Annual Review of Sociology*, v. 33, p. 407-428, 2007.
- SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas*, v. 112, p. 7-31, 2001.

## ANEXO

**Quadro 1** – Artigos de acordo com título, autoria, revista e ano de publicação

ID	Título	Autoria	Revista	Ano
1	Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa	MONTANDON, Cléopâtre	Cadernos de Pesquisa	2001
2	Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar	SIROTA, Régine	Cadernos de Pesquisa	2001
3	Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo	ROSENBERG, Fulvia	Revista Estudos Feministas	2001
4	Metodologias de pesquisa empírica com crianças	SARAMAGO, Sílvia Sara Sousa	Sociologia, Problemas e Práticas	2001

5	Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças	KRAMER, Sonia	Cadernos de Pesquisa	2002
6	Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância	SARMENTO, Manuel Jacinto	Educação & Sociedade	2005
7	Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica	MOLLO-BOUVIER, Suzanne	Educação & Sociedade	2005
8	Denominações da infância: do anormal ao deficiente	PLAISANCE, Eric	Educação & Sociedade	2005
9	Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas	DELGADO, Ana Cristina Coll e MÜLLER, Fernanda	Cadernos de Pesquisa	2005
10	As práticas educativas parentais e a experiência das crianças	MONTANDON, Cléopâtre	Educação & Sociedade	2005
11	As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa	ALDERSON, Priscilla	Educação & Sociedade	2005
12	Interações afetivas na família e na pré-escola	MONDIN, Elza Maria Canhetti	Estudos de Psicologia	2005
13	Apresentação Dossiê “Sociologia da infância: pesquisa com crianças”	DELGADO, Ana Cristina Coll e MÜLLER, Fernanda	Educação & Sociedade	2005
14	Criança, infância(s), crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância?	JAVEAU, Claude	Educação & Sociedade	2005
15	Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas	CORSARO, William A.	Educação & Sociedade	2005
16	Crianças e jovens, atores sociais na escola: como os compreender?	RAYOU, Patrick	Educação & Sociedade	2005
17	Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas histórias de vida	GULLESTAD, Marianne	Educação & Sociedade	2005
18	Primeiro os amigos: os aniversários da infância, dar e receber	SIROTA, Régine	Educação & Sociedade	2005
19	Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero	KOSMINSKY, Ethel V.	Revista Estudos Feministas	2007
20	O conceito “socialização” caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead	GRIGOROWITSCHS, Tamara	Educação & Sociedade	2008
21	Desafios da Sociologia da Infância: uma área emergente	SILVA, Cleber Fabiano da; RAITZ, Tânia Regina e FERREIRA, Valéria Silva	Psicologia & Sociedade	2009

22	O protagonismo da criança no cenário hospitalar: um ensaio sobre estratégias de sociabilidade	MOREIRA, Martha Cristina Nunes e MACEDO, Aline Duque de	Ciência e Saúde Coletiva	2009
23	Aos olhos das crianças: a formação de valores políticos	COLARES, Elisa Sardão	Sociedade e Estado	2009
24	Aspectos éticos e estratégias para a participação voluntária da criança em pesquisa.	SIGAUD, Cecília Helena de Siqueira et al.	Revista da Escola de Enfermagem da USP	2009
25	Participação social e protagonismo: reflexões a partir das Conferências de Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil	LAZZARETTI DE SOUZA, Ana Paula et al.	Avances en Psicología Latinoamericana	2010
26	A infância enquanto categoria estrutural	QVORTRUP, Jens.	Educação e Pesquisa	2010
27	Reconsiderando a nova sociologia da infância	PROUT, Alan	Cadernos de Pesquisa	2010
28	Childhood and its Regimes of Visibility in Brazil An Analysis of the Contribution of the Social Sciences	DE CASTRO, Lucia Rabello e KOSMINSKY, Ethel V	Current Sociology	2010
29	A criação de uma cultura de grupo na brincadeira: um estudo com crianças entre 2 e 4 anos	DELVAN, Josiane da Silva e CUNHA, Maiara Pereira	Interação em Psicologia	2010
30	O brincar em narrativas autobiográficas: um estudo intergeracional	COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos	ETD: Educação Temática Digital	2010
31	A creche da Educação Infantil: entre o ofício e o direito	PEDROSO NASCIMENTO, Maria Letícia Barros	Estudos de Sociologia	2010
32	A hospitalização e o adoecimento pela perspectiva de crianças e jovens portadores de fibrose cística e osteogênese imperfeita.	DE MELLO, Daniele Borges e MOREIRA, Martha Cristina Nunes	Ciência e Saúde Coletiva	2010
33	A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer?	CONTI, Maria Aparecida; BERTOLIN, Maria Natacha Toral e PERES, Stela Verzinhasse	Ciência e Saúde Coletiva	2010
34	A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção	ABRAMOWICZ, Anete e OLIVEIRA, Fabiana de	Educação (UFMS)	2010
35	De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental	MOTTA, Flávia Miller Naethe	Educação e Pesquisa	2011

36	A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas	NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de e CASTANHEIRA, Maria Lúcia	Educação e Pesquisa	2011
37	Corsaro WA. Sociologia da infância	MOREIRA, Martha Cristina Nunes e SOUZA, Waldir Da Silva	Ciência e Saúde Coletiva	2011
38	A Sociologia da Infância: esboço de um mapa	MORUZZI, Andrea Braga	Educação: Teoria e Prática	2011
39	De objetos a sujeitos de pesquisa: contribuições da Sociologia da Infância ao desenvolvimento de uma etnografia da educação de crianças caiçaras	PEREIRA, Bárbara Elisa e PEDROZO NASCIMENTO, Maria Leticia Barros	Educação: Teoria e Prática	2011
40	Relações e conflitos entre crianças na Educação Infantil: o que elas pensam e falam sobre isso	CORSI, Bianca Rodriguez	Educar em Revista	2011
41	Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças	XAVIER FILHA, Constantina	Revista Estudos Feministas	2011
42	Bom dia silêncio: a ação da infância no cinema	FRONCKOWIAK, Ângela	Signo	2012
43	Niños, niñas y sus opiniones: ocio y deporte en una ciudad brasileña	MÜLLER, Veronica Regina e MOURA ARRUDA, Fabiana	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales	2012
44	Vulnerabilidades de crianças que nascem e crescem em periferias metropolitanas: notícias do Brasil	FREITAS, Marcos de e MECENA, Elizane de	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales	2012
45	As políticas públicas de educação infantil e a utilização de sistemas apostilados no cotidiano de creches e pré-escolas públicas	PEDROSO NASCIMENTO, Maria Leticia Barros	Revista Brasileira de Educação	2012
46	A menina e o menino que brincavam de ser...: representações de gênero e sexualidade em pesquisa com crianças.	XAVIER FILHA, Constantina	Revista Brasileira de Educação	2012
47	Julia Lopes de Almeida teatróloga: apontamentos sobre a peça inédita "O Caminho do Bem"	FANINI, Michele Asmar	Revista Estudos Feministas	2013
48	Eventos interacionais e eventos de letramento: um exame das condições sociais e semióticas da escrita em uma turma de educação infantil	CASTANHEIRA, Maria Lúcia; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida e GOUVÊA, Maria Cristina Soares de	Cadernos Cedes	2013

49	Reflexões sobre infância e gênero a partir de publicações em revistas feministas brasileiras	PRETTO, Zuleica e S. LAGO, Mara C.	Revista Artemis	2013
50	Adolescentes como sujeitos de pesquisa: a utilização do genograma como apoio para a historia de vida	CARDIM, Mariana Gomes e MOREIRA, Martha Cristina Nunes	Interface: Comunicação Saúde Educação	2013
51	Extratos familiares, gênero e a divisão sexual do trabalho	FURLAN, Cassia C. e MÜLLER, Veronica R.	Revista Artemis	2013
52	Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento	MÜLLER, Fernanda e NUNES, Brasilmar Ferreira	Educação & Sociedade	2014
53	Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos	ABRAMOWICZ, Anete e RODRIGUES, Tatiane Consentino	Educação & Sociedade	2014
54	Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância	XAVIER FILHA, Constantina	Educar em Revista	2014
55	Construções de significados acerca do adoecimento e morte nas narrativas de crianças com câncer	AQUINO, Ana Maria de; CONTI, Luciane De e PEDROSA, Arli	Psicologia: Reflexão & Crítica	2014
56	O lúdico e a violência nas brincadeiras de luta: um estudo do “se – movimentar” das crianças em uma escola pública de São Luís, Maranhão – Brasil	FARIAS, M. J. A.; I.D. WIGGERS e VIANA, R. N. A.	Holos	2014
57	Os bebês e os estudos antropológicos: conhecendo os bebês Beng	NUNES, Míghian	Política & Trabalho	2015
58	Consumo alimentar infantil: quando a criança é convertida em sujeito	DUTRA, Rogéria Campos de Almeida	Sociedade e Estado	2015
59	O lugar da sociologia da educação nas ciências da educação: o caso dos programas de mestrado e doutoramento portugueses	SILVA, Camila da e ALVES, Mariana	Política & Sociedade	2015
60	Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares urbanos	SENKEVICS, Adriano Souza e CARVALHO, Marília Pinto de	Cadernos de Pesquisa	2015
61	A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero	RIBEIRO, Claudia Regina; GOMES, Romeu e MOREIRA, Martha Cristina Nunes	Ciência e Saúde Coletiva	2015
62	Accounting for Gender in the Sociology of Childhood	BARTHOLOMAEUS, Clare e SENKEVICS, Adriano Souza	SAGE Open	2015
63	A igualdade de gênero nas instituições de educação infantil brasileiras	FINCO, Daniela	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales	2015

64	O ponto de vista da criança no debate sobre comunicação e consumo	OROFINO, Maria Isabel	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales	2015
65	Crianças e games na escola: entre paisagens e praticas	FANTIN, Monica	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales	2015
66	Bonecos com Corpos-Velhos: o que dizem as crianças sobre envelhecimento.	DORNELLES, Leni Vieira	Educação & Realidade	2015
67	Violências e direitos humanos em pesquisa com crianças	XAVIER FILHA, Constantina	Educação e Pesquisa	2015
68	Estudos da criança e pesquisa com crianças: Nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos	DORNELLES, Leni Vieira e FERNANDES, Natalia	Currículo sem Fronteiras	2015
69	Por uma ética da responsividade: Exposição de princípios para a pesquisa com crianças	PEREIRA, Rita Marisa Ribes	Currículo sem Fronteiras	2015
70	Infância(s), alteridade e norma: Dimensões para pensar a pesquisa com crianças em contextos não institucionais	MORAES LIMA, Patrícia de	Currículo sem Fronteiras	2015
71	Infância-esquecimento, infância-viagem: Foucault e a ética da pesquisa com crianças	AMORIM, Marcello F. de.	Currículo sem Fronteiras	2015
72	A perspectiva de crianças sobre a creche	CRUZ, Silvia Helena Vieira e CRUZ Rosimeire Costa de Andrade	Eventos Pedagógicos	2015
73	A Escola Para O Jovem: Representações De Alunos Em Situação De Distorção Idade-Série No Município De Areia Branca-RN	SOUZA, Francisco das Chagas Silva; MEDEIROS NETA, Olivia Morais e SILVA, Alessandra Moura da	Holos	2015
74	Acesso e permanência da criança na escola	VICTOR, Sonia Lopes e PILOTO, Sumika Soares De Freitas Hernandez	Journal of Research in Special Educational Needs	2016
75	Plano nacional de educação e educação especial	SOUZA, Fernanda C. e PRIETO, Rosângela G.	Journal of Research in Special Educational Needs	2016

76	Quando a participação de crianças e jovens com deficiência não se resume à atividade: um estudo bibliográfico	SANTOS, Tatiana Vasconcelos dos; MOREIRA, Martha Cristina Nunes e GOMES, Romeu	Ciência e Saúde Coletiva	2016
77	Outro olhar sobre as crianças: emergência, desenvolvimento e novas perspectivas para a sociologia da infância	PINTO, Viviane e MÜLLER, Fernanda	Estudos de Sociologia	2016
78	Transversalidades: gênero e feminismos em diversidade e movimento	PAIVA, Rosana Carvalho	Revista Estudos Feministas	2016
79	Mapas vivenciais: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais	LOPES, Jader Janer Moreira ; COSTA, Bruno Muniz Figueiredo e AMORIM, Cassiano Caon	Revista Brasileira de Educação em Geografia	2016
80	Dicionário das crianças: uma possibilidade de significados para representações	KOHL, Tatiani Müller; VARGAS, Vagner de Souza e BUSSOLETTI, Denise Marcos	Conexões Culturais	2016
81	O que você quer ser quando crescer? Escolarização e gênero entre crianças de camadas populares urbanas.	SENKEVICS, Adriano Souza e CARVALHO, Marília Pinto de	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	2016
82	Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios.	FERNANDES, Natália	Revista Brasileira de Educação	2016
83	Eu vo lá ontem, papai! experiência e culturas infantis: reflexões sobre infância e temporalidade recursiva	SANCHES, Eduardo Oliveira e SILVA, Divino José da	Educação & Sociedade	2016
84	Encontros e desencontros de crianças e adultos na Educação Infantil: uma análise a partir de Martin Buber	KRAMER, Sonia et al.	Pro-Posições	2016
85	Os desafios da pesquisa ética com crianças	FRANCISCHINI, Rosângela e FERNANDES, Natália	Estudos de Psicologia	2016
86	Metodologias participativas em pesquisa com crianças: abordagens criativas e inovadoras.	PEREIRA, Viviane Ribeiro et al.	Revista Gaúcha de Enfermagem	2016
87	O que dizem crianças sobre os espaços públicos onde brincam	PINTO, Paula Sanders Pereira e BICHARA, Ilka Dias	Interação em Psicologia	2017

88	Contribuciones en el campo de la Sociología de la Infancia: diálogos con Lourdes Gaitán Muñoz.	VOLTARELLI, Monique Aparecida	Educar em Revista	2017
89	Infância, normatividade e direitos das crianças: transições contemporâneas	MARCHI, Rita de Cássia e SARMENTO, Manuel Jacinto	Educação & Sociedade	2017
90	Políticas públicas e a voz das crianças	CRUZ, Silvia Helena Vieira e MARTINS, Cristiane Amorim	Laplage em Revista	2017

Recebido em 23/01/2018

Aprovado em 05/06/2018

**Como citar este artigo:**

OLIVEIRA, Fabiana Luci de. Sociologia da Infância no Brasil: quais crianças e infâncias têm sido retratadas? *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 8, n. 2, jul.- dez. 2018, pp. 441-468.